

Poder do desejo, ou desejo de poder?*

MONIQUE AUGRAS**

Visa confrontar as observações do artigo precedente com outros trabalhos que descrevem o mundo da prostituição feminina. Os mesmos mecanismos de reificação e despersonalização aparecem em ambas as situações e são interpretados como expressão da violência intrínseca das relações de poder na sociedade global.

O artigo de Perlongher não constitui apenas excelente exemplo de pesquisa de campo. Não se sabe o que destacar, se a seriedade do enfoque, se o cuidado em delimitar claramente os conceitos e os objetivos da pesquisa, ou o arrojo em escolher tema tão *maldito*. Homossexualismo e prostituição, duas áreas marginais do comportamento, são difíceis de tratar de modo isento, objetivo, sem que os próprios valores do pesquisador venham infletir o rumo de suas descrições.¹ Neste caso peculiar, surge logo a tentação de remeter todos os aspectos do drama relatado pelo autor ao exclusivo território da homossexualidade. Estas notas de leitura propõem, no entanto, a ampliação do debate. Será que as ambigüidades e contradições tão aguçadamente observadas por Perlongher não poderiam ser igualmente testemunhadas no exercício da prostituição feminina? Serão esses aspectos limitados apenas ao âmbito da prostituição? O caráter exemplar (no dizer de Barthes) desse contrato aparentemente tão específico não se afirmaria ao reproduzir, esquematizando-o, todo o jogo das relações de poder em nossa sociedade?

Ambigüidade dos papéis, delimitação hierarquizada do espaço, substituição das relações interpessoais pela circulação do dinheiro, reificação do outro,

* Algumas considerações em torno do artigo de N. O. Perlongher, O contrato da prostituição, publicado neste número de *Arquivos Brasileiros de Psicologia*.

** Chefe do Centro Brasileiro de Pesquisas Psicossociais do ISOP; professora nos cursos de pós-graduação em psicologia do ISOP e da PUC/RJ. (Endereço da autora: Rua da Candelária, 6 — 3.º andar — Centro — 20.091 — Rio de Janeiro, RJ.)

¹ Os valores tanto podem desencadear uma visão favorável como desfavorável ao comportamento em questão. O que importa é assinalar o predomínio do ideológico sobre o pretensamente científico, tão bem ilustrado na mesa-redonda O espaço do homossexualismo na psicologia contemporânea (Augras et alii, 1982).

violência subjacente, rituais paranóicos, despersonalização geral — acaso estamos a descrever a vida da margem do centro de São Paulo, ou nossa vida cotidiana?

Na área da antropologia social, estudos recentes têm focado os grupos marginais, não como exemplos de patologia social, mas, ao contrário, como maquetes altamente representativas das contradições estruturais da sociedade global. Tais grupos expressariam mais cruamente os conflitos, as ambigüidades, o sistema de valores e até mesmo o *eidós* da sociedade que aparentemente os rejeita, enquanto os cria e os alimenta.

Ao eleger o contrato com o tema central de seu artigo, Perlongher não escapa dessa perspectiva, pois a codificação do relacionamento interpessoal em termos de circulação de dinheiro, ou seja, a substituição das trocas afetivas e emocionais por um sistema abstrato de compra e venda,² constitui precisamente uma das características de nossa sociedade, como bem mostrou Baudrillard (1976).

Em todos os níveis do cumprimento do contrato da prostituição, vamos encontrar esse duplo sentido, que leva à paradoxal indagação: “este negócio do michê é um negócio do desejo”, ou sexo e desejo entram apenas como pretexto do negócio? O comércio carnal não será, essencialmente, comércio apenas?

A ambigüidade que parece acompanhar a distribuição dos papéis no mundo da prostituição revela-se de modo singular, se atentarmos para o notável deslizamento semântico que ocorreu com a palavra “michê”. Afirma Perlongher que denota dois aspectos: *fazer michê* é prostituir-se, mas a população observada chama de *michê* o prostituto masculino com características marcadamente viris.

Ora, a palavra *michê* vem da gíria francesa, onde até hoje designa “o homem que dá dinheiro à mulher para conquistar-lhe os favores” (Sandry & Carrière, 1953). O sisudo e clássico dicionário de Littré, já no século XIX, registrava a seguinte definição:

“Miché. Popularmente: tolo, iludido; chulo: homem que vive na companhia de mulheres da vida, amante de mulher da vida.”

Acrescenta Littré que a provável etimologia viria de “Michel” (Miguel), nome próprio usado como metáfora de homem do povo, bastante comum, tolo e fácil de enganar.

Aqui, o *Novo dicionário da gíria brasileira*, de Manuel Viotti (1957), registra significado semelhante: “*Michê*: gastador, coronel” — sendo coronel definido como “fazendeiro ou pessoa de idade, endinheirada, que esbanja com mulheres; homem endinheirado, facilmente explorável”.

Vê-se, portanto, que o sentido original da palavra é mantido na expressão “fazer michê”, mas sofre considerável inversão ao chamar de *michê* o prostituto, pois, originalmente, *michê* é o cliente. A inversão semântica não

² “O contrato da prostituição me libera dos cuidados imaginários da troca: por que me preocupar com o desejo do outro, com a imagem que represento a seus olhos?” (R. Barthes, apud Bruckner & Finkelkraut, 1977, p. 89).

ocorre exclusivamente em relação à prostituição viril. Aurélio Buarque de Holanda (1975) registra o mesmo equívoco:

“Michê. (Do francês *miché*.) *Chulo*. 1. A ação de se prostituir. 2. O preço pago à prostituta (...) 3. *Por extensão*. Meretriz.”

A definição do Aurélio permite apreender o mecanismo da transformação da palavra sinônima de cliente em sinônima de prostituta/o. O nexu associativo, o elemento transformador do código, é o dinheiro. De homem tolo, que dá dinheiro às mulheres (seria tão fácil ter mulher de graça, se fosse usar o código dos sentimentos amorosos...), passa-se ao preço da prestação sexual e, logo, ao agente fornecedor dessa prestação. Vale dizer: não se distinguem os contratantes, quem vende iguala-se a quem compra.

Os michês observados por Perlongher são todos jovens, carentes de recursos econômicos. O negócio da prostituição viril remete inequivocamente à realidade do poder do dinheiro, como declara o “maduro industrial *gay*”, com raro cinismo: “Sabe, uma recessão econômica vai ser ótima. Você já imaginou o que vai pintar de garoto legal na praça? Escriturário, operário, tá todo mundo indo para rua, sendo despedido (...)”

Perlongher interpreta a necessidade econômica como pretexto encobridor do desejo homossexual. Parece-nos, no entanto, que a relação com prostitutas remete a uma ordem específica de intercâmbio social, cujos mecanismos podem ser analisados independentemente do sexo dos contratantes. Isso fica patente à leitura do livro de dois autores franceses, Pascal Bruckner e Alain Finkelkraut, *Le nouveau désordre amoureux* (1977), que, ao descrever a “revolução sexual”, demonstram cabalmente que a tão propalada libertação sexual da mulher nada mais é senão a aplicação, quase compulsória, do velho modelo machista da sexualidade masculina, como constituindo a essência da sexualidade.

Dois capítulos — Prostitution I e II — dedicam-se especificamente à análise do contrato da prostituição feminina, das situações e do imaginário que nele se atualizam, e põem em evidência os mesmíssimos mecanismos de aniquilação do outro, de projeção das fantasias, de mútua despersonalização, que encontramos na pesquisa de Perlongher. O corpo da prostituta deixa de ser mulher concreta para assumir as dimensões fantásticas da projeção do corpo masculino: “O homem não vem procurar um corpo de mulher, mas sim reflexos, nela, do seu próprio corpo, o seu-duplo, a confirmação de uma secular servidão” (Bruckner & Finkelkraut, 1977, p. 112). O sexo da prostituta reproduz o sexo do cliente, reduz-se a uma cavidade moldada pelo aparelho genital masculino.

O “ritual paranóico” observado por Perlongher, e que chamaríamos mais adequadamente de mecanismo esquizoparanóide, no preciso sentido kleiniano, faz-se presente no primeiro momento do contrato: “O dinheiro recorta o corpo da mulher: da cabeça aos pés, torna-se verdadeiro cadastro, cuja aquisição provisória pelo cliente será objeto de uma negociação severa e teimosa, pedaço por pedaço” (Bruckner & Finkelkraut). A violência não está presente apenas nos pontos obscuros do contrato, como quer Perlongher. O contrato prostitutivo é, em si, pura violência e retalhação. Na minuciosa estipulação do uso do corpo, pedaço por pedaço, vislumbra-se em filigrana algo parecido com o

desenho pontilhado das partes do boi nos açougues de outrora: no mundo da prostituição feminina e masculina, não são raros os crimes ditos "sádicos", onde corpos são retalhados sistematicamente.³

Essa violência tem suas raízes na própria aniquilação da existência do outro como tal. A essência narcisista do contrato da prostituição, que reduz o corpo da mulher à projeção fantasmagórica do corpo masculino, implica a negação da alteridade. "Prostituição: máquina para transformar o Outro em Idêntico, tornar todos os outros idênticos a mim mesmo, imensa tautologia funcional" (Bruckner & Finkelkraut). Haverá maior violência do que a negação da realidade do outro? A partir daí, tudo é possível. Os mais aberrantes comportamentos vão-se inscrever na lógica da despersonalização.

Nessa perspectiva, não é a sexualidade a causadora da alienação, nem o desejo o fator desencadeante do processo retalhativo. Pelo contrário, o desejo sexual fundamenta-se, originalmente, na atração pelo diferente, que não é antagonístico, mas sim, complementar. A realidade do outro como tal é a própria fonte do desejo.

O desejo reduzido à procura narcisista do simulacro acaba redundando na mútua despersonalização, estéril jogo de espelhos, gerando um "equilíbrio por subtração", no qual para citar ainda Bruckner & Finkelkraut, se almeja afinal "comprar o poder do gozo, porque dá o gozo do poder".

Enfocar o contrato da prostituição, quer seja viril ou feminina, sob o ângulo superficialmente óbvio de uma sexualidade desviada ou marginal, ou sob o prisma psicanalítico da onipotência do desejo, corre, a nosso ver, o risco do reducionismo. Parece-nos que, longe de representar algo que se afirma contra a sociedade e apesar dela, constitui, ao contrário, amostra privilegiada para a análise das relações de poder, que todos nós vivemos.

Abstract

This article discusses the precedent article, The contract of male prostitution. Comparisons are made with works that study the world of female prostitution. The same mechanisms of alienation and despersonalization appear in both situations, and are interpreted as expression of the intrinsic violence of power relations at the global society.

Referências bibliográficas

- Augras, M. et alii. O espaço do homossexualismo na psicologia contemporânea. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, 34(3)25-40, jul./set. 1982.
Baudrillard, J. *L'échange symbolique et la mort*. Paris, Gallimard, 1976.
Bruckner, P. & Finkelkraut, A. *Le nouveau désordre amoureux*. Paris, Le Seuil, 1977.
Holanda, A. B. de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
Sandry, G. & Carrère, M. *Dictionnaire de l'argot moderne*. Paris, Ed. du Dauphin, 1953.
Viotti, M. *Novo Dicionário da gíria brasileira*. Rio de Janeiro, Tupã, 1957.

³ Como o caso clássico de Jack, o Estripador, na Inglaterra vitoriana, ou ocorrências filmadas recentemente, como *Cruising* (1982) ou, no Brasil, *Ato de violência* (1980), de Eduardo Escorel.